

**JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1**



**GARRAFA, VOLNEI. BIOÉTICA,
SAÚDE E CIDADANIA. IN:
BARCHIFONTAINE, CHRISTIAN DE
PAUL DE. BIOÉTICA: ALGUNS
DESAFIOS. ED. LOYOLA, 2001, PP.
18-35.**

Edivanha de Jesus Dias CRUZ
Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: edivanha38@gmail.com

Priscila Venâncio COSTA
Universidade Federal do Tocantins
E-mail: priscilavenancio@mail.uft.edu.br



O trabalho a ser resenhado tem como autoria Volnei Garrafa, professor no Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília - UNB; graduado em Odontologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS, doutor em Ciências pela Universidade Estadual Paulista - UNESP e pós-doutor em Bioética pela Universidade La Sapienza. O texto é um capítulo integrante do livro *Bioética: alguns desafios*, de Christian de P Barchifontaine, e foi produzido com objetivo principal de abordar, a partir das noções de bioética, saúde e cidadania, sobre a problemática do descaso nos índices sanitários em lugares nos quais a cidadania e os direitos humanos não são respeitados, em especial, nos países do Hemisfério Sul.

Para tanto, a discussão foi dividida em quatro sessões. Na primeira, *Ampliação do paradigma bioético de saúde - das situações “persistentes” para as “situações emergentes”*, Volnei Garrafa realiza uma ampla discussão sobre a ampliação do paradigma bioético, enfatizando a distinção entre a bioética de “situações persistentes”, que engloba o racismo, as desigualdades de gênero, a miséria, questões indígenas, o aborto, a eutanásia etc.; e a bioética das “situações emergentes”, as que ocorrem na sociedade a partir dos últimos 30-40 anos, mais atreladas à engenharia genética, e procedimentos biomédicos.

223

Conforme o autor é preciso aproveitar dessa amplitude para trabalhar a dimensão da ética aplicada à saúde pública e coletiva; para buscar respostas mais equilibradas ante os conflitos atuais e os das próximas décadas; meditando sobre aquelas duas vertentes para questionar sobre os conflitos gerados entre o progresso biomédico e os direitos humanos, e sobre o caráter duvidoso e, muitas vezes, faltoso da legislação para com essas situações.

Na segunda seção, *Promoção da saúde, desenvolvimento e direitos humanos*, Volnei Garrafa discute sobre conferências, documentos e outros movimentos internacionais, ocorridos entre a década de 60 e 90, que deram maior importância ao desenvolvimento da solidariedade, da igualdade social e da preocupação ambiental. Conforme o autor, tais movimentos além de mobilizarem três setores essenciais, o da ética ligada aos negócios, o da ética ambiental e o da bioética, também contribuíram para o aumento do número de atores co-responsabilizados pela saúde pública e para o fortalecimento da questão do individual e do coletivo. Não obstante essas ações, Volnei Garrafa, baseando-se no quadro estatístico de desigualdades sociais, pondera que seu posicionamento, em relação à ideia de um futuro equilibrado e justo para humanidade, ainda é de precaução e descrença, uma vez

que, para o autor, ainda não foram tomadas medidas radicais para mudar o estado das coisas.

Na terceira seção, *Prioridade de investimento em saúde, distribuição e aplicação dos recursos financeiros*, Volnei Garrafa direciona o debate para as questões das prioridades definidas nos investimentos, destacando três aspectos alarmantes na distribuição e aplicação de recursos financeiros: 1) o aumento dos problemas de diferenças distributivas que se manifestam de forma negativa no nível de vida das pessoas e demarcam, cada vez mais, a divisão norte-sul; 2) a situação contraditória e crítica de países periféricos nos quais as porcentagens dedicadas à saúde são significativamente menores que nos países avançados; e 3) a inacessibilidade dos tratamentos no setores da biotecnologia e sofisticação tecnológica, tornando o bem comum um privilégio para poucos. Diante desses pontos agravantes, o autor aponta para uma urgente análise e reflexão das definições de prioridades de investimento, principalmente as que o Estado deve direcionar para saúde pública e coletiva.

Na quarta e última seção, *Radicalização da democracia*, o autor acusa que o desvio produzido pelo Estado revela ausência de uma racionalidade ética na aplicação de medidas que a legislação de muitos latino-americanos já se comprometeu em oferecer aos seus cidadãos. Diante disso, o autor coloca a necessidade de radicalização do processo democrático a fim de alcançar níveis melhores de saúde para os povos do hemisfério sul do mundo. A ideia é de que seja concretizado um sujeito autônomo em diversos âmbitos sociais; que seja defendido no plano individual um novo humanismo; e que seja instituído um novo plano coletivo em que a democracia participativa tome o lugar do antigo poder centralizado.

As relevantes questões levantadas por Volnei Garrafa devem reverberar em toda e qualquer reflex(ção) científica. A questão ética não pode mais ser relegada a uma simples questão de consciência. Há aí um caso mais sério cuja dimensão abrange questões de análise das responsabilidades sanitárias e ambientais, na interpretação histórico-social dos quadros epidemiológicos, na determinação das formas de intervenções, priorizações das ações, formação de pessoal e na responsabilidade do Estado para com os cidadãos, principalmente os mais necessitados, no sentido de preservar a biodiversidade, o ecossistema e patrimônios para as gerações futuras.